

A interpretação da obra da psicanalista Piera Aulagnier, realizada por Maria Lucia Violante, visa torná-la acessível aos estudiosos da psicanálise freudiana. Violante expõe o modo de Aulagnier pensar a psicanálise teórica e clinicamente, nas suas dimensões metapsicológica, psicopatológica, metodológica, técnica e, portanto, ética, incluindo suas reflexões sobre a questão da formação do analista.

A autora destaca ainda que Aulagnier teve influência de Lacan em seu modo de pensar a psicanálise, porém, ela própria declara-se freudiana. Sua metapsicologia, como contribuição à metapsicologia freudiana, procura dar conta da análise de psicóticos.

Violante preocupa-se em trazer a originalidade da teoria de Aulagnier, de tal forma que possamos conhecê-la e distingui-la da teoria de outros psicanalistas, como a de Lacan.

Partindo da teoria das pulsões em Freud, especificamente das produções de 1915 e do conceito de representação, a autora enfoca a teoria da representação de Piera Aulagnier.

Afirma que “a teoria da representação de Aulagnier visa dar conta da inscrição psíquica do vivido nos sucessivos encontros da psique com o próprio corpo, com o Eu do outro e com a realidade, por meio de três modos de funcionamento psíquico que coexistem mais ou menos conflituosamente” (p. 22). Os três modos de funcionamento, processo originário, processo primário e processo secundário, produzem, respectivamente, as representações pictográfica, fantasmática e ideativa.

A teoria de Piera Aulagnier em destaque

Resenha de Maria Lucia Vieira Violante,
Piera Aulagnier - Uma contribuição contemporânea à obra de Freud, São Paulo, Via Lettera, 2001, 192 p.

Ainda, segundo Violante, “Aulagnier prioriza dentre suas ‘questões fundamentais’, a gênese e o funcionamento do Eu em suas relações com outros modos de funcionamento psíquico – o originário e o primário – e com o mundo extrapsíquico, salientando como principais funções do Eu: pensar e investir” (p. 19). O Eu é a instância que colocará uma separação entre a categoria do ser e a categoria do ter. Nas patologias são as funções do Eu, pensar e investir, que estão comprometidas.

Como nos diz a autora, o Eu vai se constituindo em um “meio psíquico ambiente” que é organizado pelo discurso e pelo desejo de cada um dos pais por este(a) filho(a). Nesse “meio psíquico ambiente”, destaca-se o porta-voz, o desejo do pai e a linguagem fundamental. Ainda, na questão da constituição do Eu, aborda a dialética identificatória, articulando demanda e identificação, castração e identificação, o projeto identificatório e o contrato narcisista. A autora também enfatiza na concepção metapsicológica de Aulagnier o lugar do corpo no funcionamento psíquico. A metapsico-

logia proposta por Aulagnier constitui o fundamento de suas concepções psicopatológicas originais em relação à obra freudiana.

O termo potencialidade, inicialmente (1975) tratado por Aulagnier simplesmente como “potencialidade psíquica”, ou seja, algo em potencial, pode ser entendido como a noção de “disposição psíquica” de que fala Freud em sua série complementar. Posteriormente (1984), passa a ser definido em uma acepção mais ampla, englobando os “possíveis” do funcionamento do Eu e de suas posições identificatórias, uma vez terminada a infância.

Violante assinala que sendo a potencialidade conceituada dessa forma, a psicopatologia é compreendida “para além de conflitos pulsionais, como conflitos identificatórios que se estabelecem: no interior do Eu, entre suas duas dimensões – a identificante e a identificada (conflito psicótico); entre o Eu e seus ideais (conflito neurótico); no interior do Eu e entre o Eu e seus ideais (conflito misto, próprio da potencialidade polimorfa)” (p. 73).

É com precisão e fluidez que a autora percorre os vários livros de Piera, trazendo-nos os conceitos articulados no decor-

rer do tempo, de modo que possamos saber como esses conceitos foram se alterando e se desenvolvendo a partir da clínica. Assim, nos situa em 1963, quando Aulagnier indaga acerca da mãe do psicótico, da fragmentação do Eu do psicótico no Estádio do Espelho, da problemática nele presente tanto no nível da identificação quanto no do desejo. Em seus vários artigos que vão de 1963 a 1975, Aulagnier afirma que a psicose se caracteriza pela força de atração exercida pelo originário, “à qual ele impõe este a mais representado pela criação de sua interpretação ‘delirante’, tornando ‘dizíveis’ os efeitos desta violência” (p. 77). No entanto, é à atividade do Eu que se deve o “a mais”, ou seja, o pensamento delirante primário. Este consiste na interpretação que o Eu se dá sobre o que é causa das origens. A finalidade desse pensamento é dar sentido a uma significação sem sentido; o pensamento delirante primário é criado pelo Eu no lugar da ausência do enunciado sobre a origem. Esse pensamento consiste em uma tentativa de cura. Posteriormente, em 1979, Aulagnier concebe “o conflito psicótico como aquele que se estabelece no interior do Eu, entre suas duas dimensões: a identificante e a identificada, ou seja, entre o Eu pensante e o Eu pensado” e acrescenta que “o sujeito será interdito de pensar, a começar por pensar o interdito”, o que reitera em 1984 (pp. 80-81).

Para tratar da “potencialidade polimorfa”, Violante discorre a respeito “das perversões”, “das relações passionais

ou alienantes” e “de certas formas de somatização”. Frisa que a perversão, segundo Aulagnier, parece ser uma das manifestações mais freqüentes da potencialidade polimorfa, sendo que a posição identificatória do perverso é mais complexa que a do neurótico.

No seu entender, as concepções de Aulagnier acerca da psicopatologia é que vão conduzi-la ao aprofundamento de reflexões sobre o método psicanalítico e a inovações técnicas, sobretudo na análise de psicóticos, como é o caso da contribuição figurativa.

A propósito do método psicanalítico de investigação do inconsciente, Violante expõe a problemática evidenciada por Aulagnier a respeito da “regra fundamental”. Considerando que para o funcionamento do Eu é necessário o direito ao segredo, a regra fundamental pode apresentar dificuldades ao processo analítico. Enquanto que na neurose o “tudo dizer” pode não trazer complicações, pois o paciente tem “pensamentos transferenciais”, o mesmo não se dá na psicose. No registro da psicose há problemas de investimento na atividade de pensar, cabendo ao analista com suas interpretações, baseadas nos eventos da realidade histórica do paciente, ajudá-lo. Na neurose, trata-se de reconstrução da história libidinal e identificatória do paciente. Diferentemente, na psicose, trata-se de uma construção.

A autora realiza várias articulações com relação à transferência. Lembra que, em 1967, Aulagnier postula que toda demanda é de identificação e que “a demanda de saber do sujeito inaugura o ‘discurso transferencial’ desde a primeira sessão”. Posteriormente, em 1974, Aulagnier “reitera que o motor da transferência reside na relação entre a busca de uma certeza identificatória sobre si por parte do demandante de análise e a oferta de um saber identificatório que lhe é feita pelo analista” (p. 148). O processo analítico compreende duas construções que se desenvolvem em paralelo: o discurso do analisando que “remodela e reconstrói o tempo de sua história” e a escuta do analista que reconstrói o tempo da análise, ou seja, “a história da transferência”.

Violante destaca que “no registro da psicose, o sujeito não demanda análise; quando muito, aceita a oferta colocando o analista como demandante” (p. 151).

Discorre sobre a técnica psicanalítica, apontando para a interpretação, para a construção reconstrução e para a contribuição figurativa. O trabalho da interpretação visa criar sentido, e não desvendar um sentido já existente. Esta concepção a propósito da interpretação fundamenta-se nos pressupostos acerca do funcionamento psíquico. Três pontos principais sobre a interpretação são abordados: “o que torna ‘analítico’ o trabalho analítico; as suposições fundamentais que embasam o ‘pacto’ analítico (no registro da neurose); o que é o pensamento (na situação analítica)” (p. 154).

No trabalho analítico estão em interação a interpretação e a construção. No entanto, há diferenças. A interpretação re-

fere-se ao evidenciamento do funcionamento da psique, permitindo decifrar as leis que regem os processos primário e secundário. Por sua vez, a construção refere-se à decifração da estrutura da psique, interrogando uma encenação fantástica. Enquanto que, na clínica das neuroses, o paciente reconstrói sua história, na clínica das psicoses, o analista promove junto ao paciente uma construção possível no lugar dos brancos de sua história libidinal e identificatória.

Há momentos, no registro da psicose, em que o analista não pode mais contar com a causalidade transferencial em suas interpretações. Então, só resta-lhe utilizar o recurso a uma “figuração falada”, “atos de palavras”. A “contribuição figurativa” na clínica das psicoses consiste em o analista trazer um “suporte” para o sujeito, que lhe permita superar o estado de retração-sideração. O analista deve interpor “enunciados históricos” entre o discurso delirante do sujeito e as representações inconscientes identificadas por ele (analista). Ainda, deve tentar fazer com que o sujeito formule demandas que nunca expressou.

Violante nos aponta reflexões a propósito da ética, da prática, e da formação do psicanalista que percorrem toda a obra de Piera Aulagnier. Tendo iniciado seus estudos e sua análise com Lacan, Aulagnier afasta-se dele por ocasião da

“Proposição de 7 de outubro de 1967”, por perceber a contradição que estava se delineando no ensino da psicanálise. O mestre passava a defender exatamente o que havia de mais conservador na formação do psicanalista: a análise didática. Como interpreta a autora, os artigos de Aulagnier escritos em 1968 devem ser compreendidos a partir “dessa dissidência e das conturbações, político-sociais de maio de 1968.” (p. 171).

Entre as muitas considerações levantadas por Violante acerca dos cuidados que devem ser tomados por aquele que se propõe a ocupar o lugar de analista, encontra-se a que o analista deve saber sobre os limites que é preciso respeitar para que não caia no abuso de poder que prejudicaria o projeto analítico.

Por fim, reflete a respeito da noção de violência primária e sua articulação com a “violência teórica” realizada pelo analista, ou seja, a colocação em palavras do que era suposto continuar a fazer parte do não-dizível sobre as marcas, pontos de certeza, sobre os quais o pensamento se apóia, e que são necessários para cada um se orientar no seu espaço relacional. E mais, o analista que ignora os limites do campo do interpretável, “se tornará veículo de um excesso de violência incompatível com todo projeto psicanalítico” (p. 185).

Violante transmite essa teoria tão densa de forma acessível, sem perder em nenhum momento sua complexidade.

Silvia Barile Alessandri é psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora convidada no curso de pós-graduação *lato sensu* “Teoria, técnicas e estratégias especiais em psicanálise” no Departamento de Psicologia Clínica – USP.